

Fontes para os seminários

[Seminário 1] Hegel, *Lições sobre a Filosofia da História Universal*, 1822-1823

O pequeno número de atenienses que lutaram em Maratona, os trezentos espartanos que lutaram sob Leônidas nas Termópilas, os atenienses que guiaram seus navios para a batalha contra os persas – estes serão sempre exemplos de bravura. Desde estas batalhas e esta época, muitas milhares de vezes trezentos guerreiros morreram tão bravamente quanto. Não há povo que não tenha se engajado em atos heroicos e tenha tido seus defensores; todas as terras natais foram bravamente defendidas. Mas, para nós, nenhuma dessas inúmeras batalhas e os homens que morreram nelas, estes heróis, se comparam com a glória imortal das Termópilas e dos trezentos. Isto pode parecer ser obra do acaso, mas a fama decide de acordo com a natureza do caso. Nós precisamos considerar como a fama distribui seus louros. A fama premia segundo não aos valores morais e subjetivos, nem segundo os méritos subjetivos; antes, ela premia de acordo com valores objetivos e a natureza do caso. A defesa da Grécia é única em seu aspecto universal. Ocidente e Oriente estavam tão opostos que os interesses da história mundial estavam na balança.

[...] De um lado estava o despotismo oriental, o mundo oriental inteiro unido sob um único senhor, poderoso em números, tendo a grande vantagem de estar sob um único domínio. Estes persas, estes orientais, e Xerxes em particular, não devem de modo algum serem vistos como fracos ou serem ridicularizados. Heródoto nos dá uma imagem diversa: enquanto alguns grupos eram moles, muitos, inclusive a maioria, eram o oposto: eles eram fortes e belicosos, e exibiam uma bravura crua e selvagem. Contra estas pessoas, que em parte eram muito belicosos e unidos sob um líder, se defrontaram alguns poucos povos de recursos limitados mas possuidores de uma individualidade livre. Nunca na história mundial a vantagem e superioridade do nobre poder do espírito sobre as forças materiais – que não eram desprezíveis – foi demonstrada de modo tão esplêndido.

[Seminário 2] Niebuhr, *Lições sobre a História Antiga*, 1826 e 1829-30

A história alcançou atualmente uma extensão notável que tende a se ampliar progressivamente: não somente pelo fato de que as populações atuais continuam a viver, mas também porque a cada dia mais a erudição européia domina um número cada vez maior de línguas, de modo a que assim se multiplicam as fontes históricas inteligíveis. [...] O quanto nós hoje, por exemplo, podemos dispor da história da Idade Média! Ao invés dos esquemas cronológicos e dos meros nomes, ao invés das insignificantes genealogias dos imperadores do Oriente, dispomos de conceitos e de representações das condições de vida dos povos, tão claras a estarem ao alcance de todos. Quanto mais a

história se estende, tanto mais é *magistra vitae* e se torna a disciplina a mais instrutiva. Aprender a conhecê-la em toda sua amplitude torna-se um dever para quem quer que se oriente em termos de uma formação cultural humanista. Mas para aqueles que a querem elaborar cientificamente, a subdivisão da matéria se torna assim inevitavelmente necessária. Por essa razão, a não ser por exceções particulares, o objeto de meu curso será a história antiga. [...]

Creio que, assim como devemos ordenar de um ponto de vista subjetivo a história na sua inteireza, cada um pode, entretanto, ordenar, sempre de um ponto de vista subjetivo, também a história antiga. Se não quisermos narrar uma história coordenada dos povos, pode haver dois tipos fundamentais de ordenação: o tipo teológico e o filológico.

O tipo de ordenação teológico, preferido por Bossuet, segue a ordem do Antigo Testamento e coloca a história de todos os povos em relação com a história do povo hebraico, associada à divina providência em sua educação até a encarnação do Cristo e à constituição do Evangelho como Novo Testamento. A história dos povos não hebraicos é narrada apenas na medida em que ela entra em contato com a história hebraica, sendo assim tratada sempre na dependência desta. A obra de Bossuet mostra de que artificialidades históricas este tipo de narração é capaz. [...]

A ordenação que denomino filológica refere-se ao fato de que nós consideramos a história antiga essencialmente como uma componente da filologia, como uma disciplina filológica, como um meio de interpretação e de conhecimento filológico. Deste ponto de vista as nações, cuja literatura é chamada de clássica, posicionam-se em primeiro plano e constituem os termos de referência, ao passo que as outras se situam mais ao fundo e se reportam àquelas. Dado que toda a vida fui filólogo, opto por este tipo de ordenação que será útil a todos. Em consequência disto, poremos completamente de lado aqueles povos que não têm qualquer relação com a Antigüidade clássica, como os chineses, os japoneses, os indianos e os que estão para além do Ganges: o que quer que seja digno de nota que tenha ocorrido junto a estes povos, não será aqui considerado. O centro desta exposição é a antigüidade grega e romana, e mesmo as histórias do povo hebraico e de nossos antepassados germânicos aí comparecem apenas na medida em que puderem ser relacionadas com a Antigüidade clássica. Essas, portanto, lhe devem ser subordinadas, mas apenas baseado no ponto de vista escolhido, sem que sua importância resulte diminuída por essa razão.

[...] A história antiga [...] pode ser novamente subdividida apenas por meio de termos de negação, ou seja, por meio da contraposição entre história romana e história não romana. Esta subdivisão não é absolutamente casual. Com efeito, a história romana em seus inícios primordiais aparece apenas fragilmente ligada à história da Antigüidade não romana; estes vínculos se reforçam depois até se tornarem raízes potentes no solo das outras nações, crescendo finalmente até assumirem uma dimensão tal que nela terminam as histórias da Antigüidade não romana: a história grega, a macedônia (na qual já haviam confluído a história asiática e a egípcia) e a cartaginesa.

[seminário 3] Horden e Purcell, *O Mar Corruptor, um estudo de História Mediterrânea*, 2000

Existe pois alguma verdade na afirmação de que o Mediterrâneo foi, por muitos séculos, uma unidade em virtude de ser sucessivamente um lago romano, muçulmano,

cristão e turco, mesmo quando o verdadeiro grau de controle exercido pelos poderes dominantes era quase sempre desigual ou limitado. Mas a idéia tem um significado mais geral. Os historiadores gregos do século V a.C. já haviam concebido o passado como uma sequência de "poderes marítimos" ou talassocracias, onde o segredo do sucesso imperial residia no controle do meio de conexão. O exemplo principal era Atenas no século V a.C., ligando dezenas de assentamentos espalhados no arquipélago egeu e nas inacessíveis costas daquele mar, por virtude de ser, como um contemporâneo descreveu, "o Poder que domina o Mar" ([Xenofonte], Constituição dos Atenienses). O que era dominado, como nós enfatizamos, era uma rede de comunicações. Mas era também a rede ao longo da qual grampos eram movidos para neutralizar em parte os acidentes de excesso ou escassez que a combinação de clima e topografia faziam inevitáveis. Isto era, em outra proeminente antiga tradição, o mar corruptor de nosso título.

Tal controle do movimento de recursos sempre foi um aspecto essencial do poder mediterrânico em todos os períodos. Pre-historiadores interpretam a redistribuição pela via marítima como um elemento crucial na formação das primeiras civilizações e estados, e mesmo no desenvolvimento da agricultura. Estas tentadoras teorias ajudam a nos lembrar que a história da supremacia naval no Mediterrâneo - uma complexa interação entre frotas, piratas, capitães mercenários e corsários - não é uma questão simples de confronto político. Está em jogo nada menos que o controle do meio de integração ao longo de trechos inteiros do mar, e o prêmio é tal que transcende os interesses locais. Vistos por este ângulo, então, o sucesso de Roma pode parecer espetacular apenas na sua completude e duração. Cartagineses, ptolomeus, califas, gregos bizantinos, aragoneses, venezianos e várias outras potências coloniais do noroeste europeu tentaram todos dominar os mecanismos de interação entre a multidão de lugares particulares nas zonas costeiras e ilhas deste mar. As geografias de seus respectivos impérios certamente divergiam; nos meios e nas intenções eles eram talvez bastante similares.

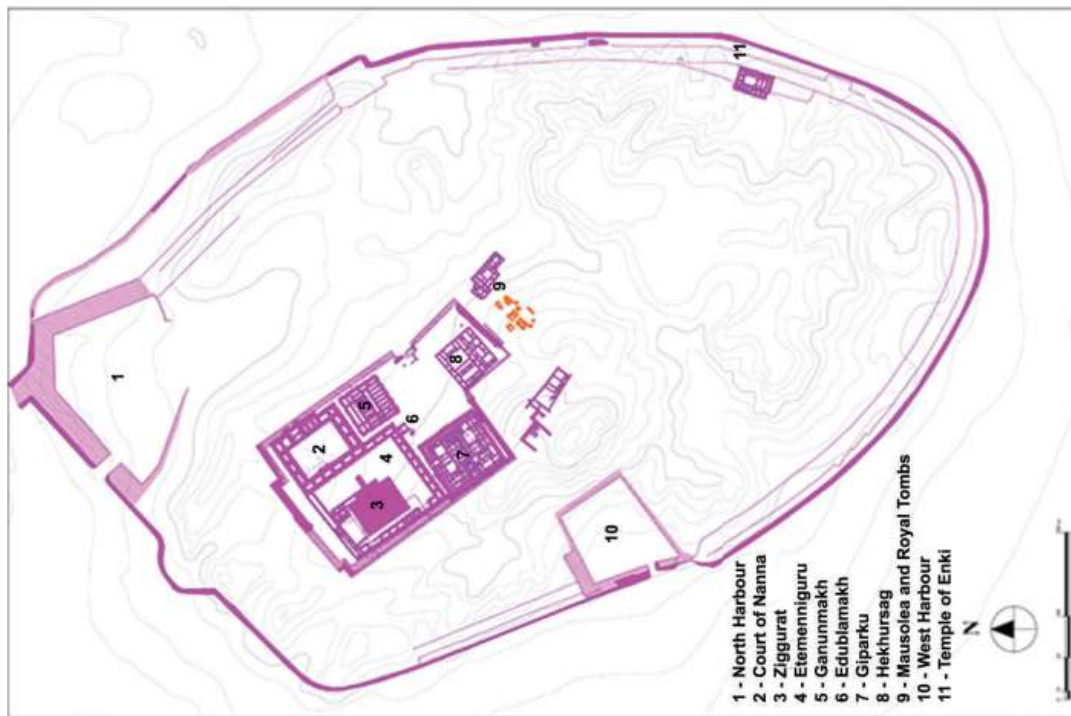
[Seminário 4a] Quando no alto [*Enuma Elis*], 6.1-75, séc. XII a.C (?)

Quando Marduk ouviu o discurso dos deuses / Ele concebeu o desejo de realizar coisas sábias / Ele abriu sua boca e disse para Ea, / Ele aconselha o que ele ponderou em seu coração: / Eu juntarei sangue para formar osso, / Eu darei existência a Lullu, cujo nome será "homem" / Eu criarei Lullu-homem. / No qual o esforço dos deuses será deixado para que estes descansem. / Eu irei habilosamente alterar a organização dos deuses: / Embora ela são honrados como um, eles serão divididos em dois". / Ea respondeu, como ele dirigiu uma palavra a ele, / Expressando seus comentários sobre o descanso dos deuses. / "Deixe um irmão deles ser dado a mim. / Deixe-o perecer para que as pessoas sejam modeladas. / Deixe os grandes deuses se reunirem. / E deixe o culpado ser entregue para que eles possam permanecer". / Marduk reuniu os grandes deuses, / Usando magnanimidade ele deu sua ordem, / Enquanto ele falava, os deuses o ouviam: / O rei dirigiu a palavra aos Anunnaki, / "Seu antigo juramento foi de fato verdadeiro, / Agora também digam a mim a solene verdade: / Quem foi aquele que instigou a guerra, / Quem fez Tia-mat rebelar-se, e iniciar a batalha? / Deixem que quem instigou a guerra seja entregue / Que eu poderei lançar a punição sobre ele, enquanto vocês sentam e descansam. / Os Igigi, os grandes deuses, responderam a ele, / Isto é, Lugaldimmerankia, o conselheiro dos deuses, o senhor, / "Qingu é aquele que instigou a guerra, / Que fez

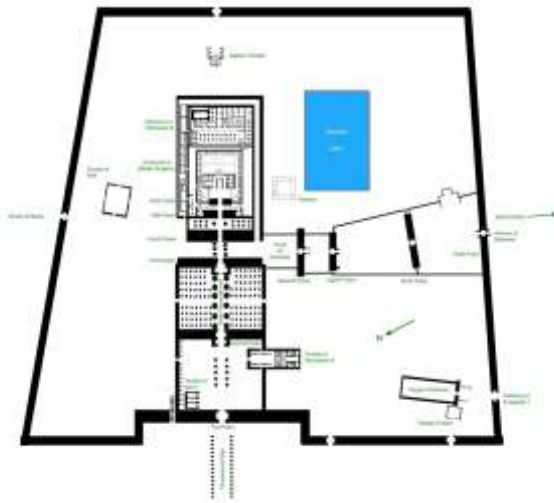
Tia-mat rebelar-se e iniciar a batalha” / Eles o acorrendaram, segurando-o diante de Ea, / Eles infligiram a pena sobre ele e cortaram seus vasos sanguíneos. / De seu sangue Ea fez a humanidade, / Sobre a qual ele impôs o serviço dos deuses, libertando os deuses. / E ele impôs o serviço dos deuses sobre eles – / Esta tarefa está além da compreensão. / Pois Nudimmud realizou a criação com a habilidade de Marduk – / Rei Marduk dividiu os deuses, / Todos os Anunnaki em grupos superiores e inferiores. / Ele designou 300 nos céus para guardar os decretos de Anu / E indicou-os como guardas. / Depois ele rearranjou a organização do submundo. / No céu e no submundo ele dispôs 600 deuses. / Depois ele organizou todos os decretos. / E distribuiu rendas entre os Anunnaki do céu e do submundo, / Os Anunnaki abriram suas bocas / E se dirigiram ao seu senhor Marduk, / “Agora, senhor, vendo que vós estabelecestes nossa liberdade / Qual favor nós podemos fazer a vós? / Deixe-nos fazer um santuário de grande renome: / Sua câmara será nosso lugar de descanso, dentro do qual repousaremos. / Deixe-nos erigir um santuário para abrigar um pedestal / Dentro do qual nós poderemos repousar quando nós o terminarmos”. / Quando Marduk ouviu isto, / Ele sorriu tão brilhantemente quanto a luz do dia / “Construam Babilônia, a tarefa que vós visais. / Deixem que tijolos para ela sejam moldados, e ergam o santuário!” / Os Anunnaki empunharam a picareta. / Por um ano eles fizeram os tijolos necessários. / Quando chegou o segundo ano, / Eles ergueram o pico do Esagil, uma réplica do Apsu. / Eles construíram o imponente zigurate de Apsu / E para Anu, Enlil e Ea, eles estabeleceram seus [...] como uma moradia. / Ele sentou em esplendor diante deles, / Suas pontas [do zigurate] estavam voltadas para a base de Esharra. / Depois que eles completaram o trabalho do Esagil / Todos os Anunnaki construíram seus próprios santuários. / Trezentos Igigi do céu e seiscentos do Apsu, todos eles, se reuniram. / Eu assentei os deuses, seus pais, no banquete / No imponente santuário o qual eles construíram para sua morada, / “Esta é Babilônia, sua morada fixa, / Tirem proveito aqui! Sentem-se alegremente! / Os grandes deuses sentaram-se, / Canecas de cerveja foram dispostas e eles sentaram para o banquete.

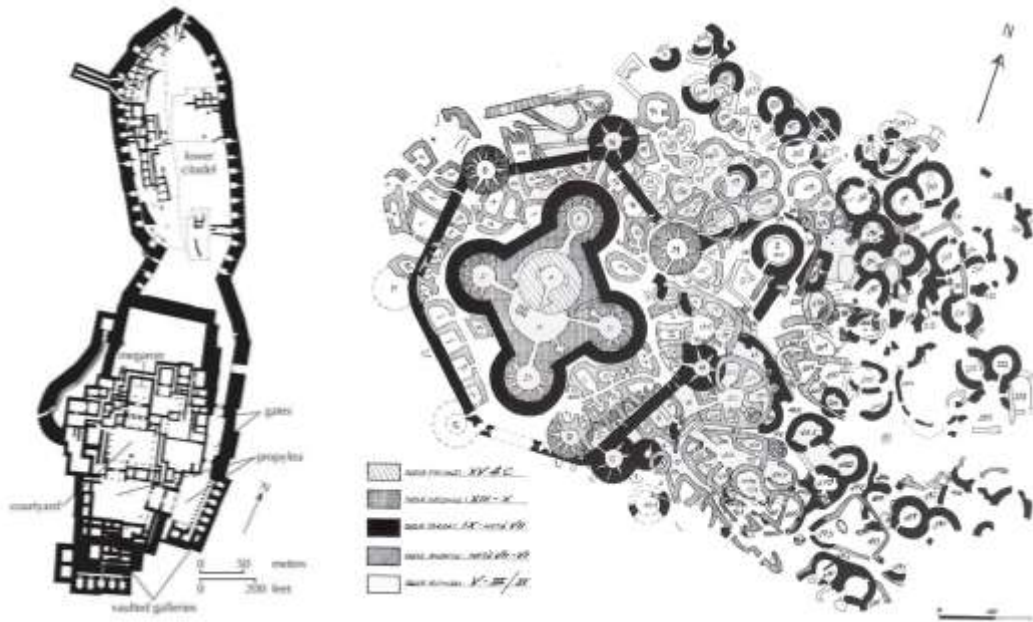
[seminário 4b] estandarte de Ur (c. 2600); Ur III (planta, c. 2100)





[Seminário 5] Plantas baixas: Karnak, Malia, Tirinto e Barumini





[Seminário 6] Muro norte do templo de Ramsés III em Medinet Habu, séc. XII a.C.



Agora os povos do norte, que estavam em suas ilhas, estão tremendo em seus corpos. Eles penetraram os canais das bocas do Nilo. Suas narinas cessaram [de funcionar, de modo que] seu desejo é respirar o ar. Sua majestade avançou como um furacão contra eles, lutando no campo de batalha com um corredor. O medo dele e o terror dele entrou em seus corpos; [eles são] virados e revirados nos seus lugares. Seus corações são tomados; suas almas fluem para fora. Suas armas estão espalhadas no mar. Sua flecha perfura quem ele quer entre eles, enquanto o fugitivo é derrubado na água. Sua majestade é como um leão furioso, atacando seus agressores com suas garras, expoliando com sua mão direita e poderoso com sua mão esquerda, como Seth destruindo a serpente do “Mau Caráter”. Foi Amon-Re quem submeteu para ele as terras e esmagou para ele toda terra sob seus pés; rei do Alto e do Baixo Egito, senhor das duas terras: Usermare-Meriamon.

[Seminário 7] Sin-leqi-unninni, *Ele que o abismo viu*

[Seminário 8] Homero, *Odisséia* (cantos 8-12)

[Seminário 9] Relevos das caçadas a leões do palácio de Nínive; vaso Chigi, séc. VII a.C.





[Seminário 10a] Persépolis e Acrópole de Atenas, séc. V a.C.

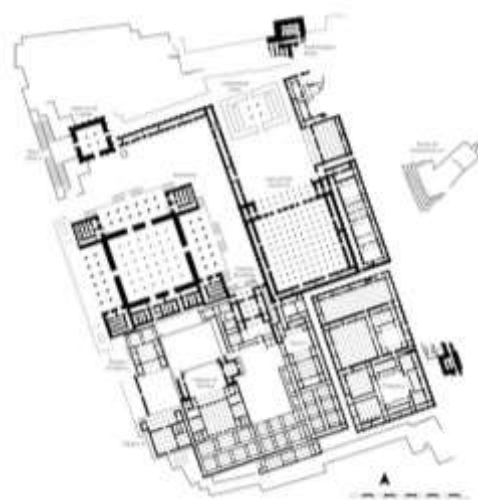


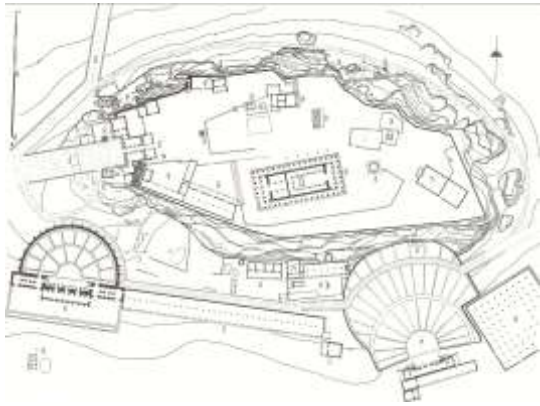
FIGURA 10-11. PERSEPOLIS, 500 ANOS. VISTA DO PALÁCIO DE XERXES (SÉCULO V A.C.).



FIGURA 10-12. PERSEPOLIS, 500 ANOS. VISTA DO PALÁCIO DE XERXES (SÉCULO V A.C.).

F7

E6



[seminário 10b] Plutarco, *Vida de Alexandre*, séc. II d.C.

[De Hircânia] partiu para a Pártia, onde, não tendo muito que fazer, pela primeira vez usou roupas bárbaras, seja porque desejava adaptar-se aos costumes do país (pois a partilha de hábitos e a assimilação dos costumes são um recurso importante para unir os povos), seja como uma maneira de preparar os macedônios a adorá-lo, habituando-se pouco a pouco a aceitar sua mudança de vestimentas e de maneiras. Não adotou, contudo, integralmente, o costume meda, que era bárbaro e estrangeiro. Não usou nem as calças largas nem a túnica de mangas esvoaçantes, nem a tiara, mas algo entre a moda persa e a moda macedônica, menos pretensiosa que a primeira e mais majestosa que a segunda. Seguiu tal partido, primeiro nas suas relações com os bárbaros e em casa, na intimidade; depois, fazia-se ver assim vestido à multidão, durante suas caminhadas e nas audiências. Este espetáculo consternava os macedônios, mas, por admirarem sua coragem, eles acreditavam que era justo que se permitisse a Alexandre algumas satisfações de prazer e amor próprio. E é verdade, além disso, que ele acabara de receber na perna uma flechada que atingira o osso tão profundamente que provocara lascas. A seguir, foi ferido por uma pedra no pescoço, que lhe anuviou os olhos durante longo tempo. Ele não cessava, porém,

de se expor aos perigos e, mesmo tendo passado o Orexarte, que acreditava ser o Tanais, e derrotado os citas, perseguiu-os ao longo de cem estádios, ainda que incomodado por uma diarreia. Foi aí que veio encontrá-lo a amazona, como diz a maioria dos historiadores, [enquanto outros] afirmam que é uma fábula.

[Seminário 11] Políbio, *História pragmática* (trad. Breno B. Sebastiani), séc. II a.C.

[1.1] Se os que relataram feitos antes de nós houvessem deixado de elogiar a própria história, talvez fosse preciso encorajar todos a aceitar e a apreciar tais obras, pois os homens não dispõem de corretivo mais à mão do que a ciência dos fatos passados. [2] Mas como não só alguns, nem de modo restrito, mas todos, por assim dizer, fizeram disso princípio e fim, afirmando que o conhecimento da história é a educação e o treinamento mais verdadeiros para a prática política; e que a recordação das peripécias alheias é mestra única e a mais eficaz para se poder suportar nobremente as oscilações do acaso, [3] é óbvio que a ninguém conviria o que foi dito belamente por muitos, e menos ainda a nós. [4] O caráter surpreendente das ações que escolhemos relatar basta para atrair e incitar todos, jovens ou velhos, à leitura da obra. [5] Quem é tão simplório ou leviano que não desejaria conhecer como, e devido a que gênero de Estado, quase todo o mundo habitado foi submetido, em menos de 53 anos [220-168 a.C.], por um único poderio, o dos romanos, algo nunca dantes ocorrido? [6] E quem é tão apaixonado por outro espetáculo ou ciência que os tomaria por mais úteis que esse conhecimento?

[3.1] É o começo de nossa obra, quanto à época, a centésima quadragésima olimpíada [220-217 a.C.] [...]. [3] Antes dessa época, os eventos do mundo estavam, por assim dizer, desconexos, pois cada fato era distinto por seu início, conclusão e localização. [4] A partir de então, porém, a História se tornou como que um corpo único: os fatos da Itália e da África se coligaram aos da Ásia e da Grécia, e todos convergiram para um único fim. [...]

[4.1] O que é peculiar à nossa obra e espantoso em nossa época é isto: assim como o acaso fez convergir quase todos os acontecimentos do mundo habitado para um único centro e fez com que tudo se voltasse para um único e mesmo objetivo, do mesmo modo é preciso levar aos leitores, pela história e sob uma única visão sinóptica, a manobra de que o acaso se serviu para realizar a interação dos fatos. [2] Foi sobretudo isso o que nos desafiou e nos incitou para o projeto da história, bem como o fato de que ninguém, em nossa época, empreendeu tratar desses fatos por completo; se o tivesse, muito menor seria minha ambição nesse sentido. [...] [6] Assim, dos escritores de histórias parciais não é possível obter uma visão de conjunto, senão qualquer pessoa suporia compreender imediatamente a configuração de todo o mundo habitado, bem como seu ordenamento e disposições gerais, depois de percorrer uma a uma as cidades mais ilustres ou, por Zeus, depois de vê-las destacadas em um mapa, algo de modo algum verossímil. [...] [9] Pelas partes é possível ter noção do todo, mas não ciência e juízos sólidos. [10] Por isso deve-se considerar a história parcial totalmente superficial se comparada ao conhecimento e credibilidade derivados da História Universal. [11] Apenas pela coesão e justaposição de todos os elementos em relação uns aos outros, e ainda por sua semelhança e diferença, é possível apreender a utilidade e o prazer da história após uma visão geral.

[Seminário 12] Augusto de Prima Porta e moedas arsácidas



Arsaces I (247-211 a.C.), Dracma de prata.

Obverso: busto sem barba voltado para a esquerda, vestindo bashlyk; borda circular de contas.

Reverso: arqueiro sem barba usando bashlyk e túnica, sentado para a esquerda em trono sem encosto, segurando arco na mão esquerda; borda circular de contas; inscrição grega de duas linhas “ΑΡΣΑΚΟΥ / ΑΥΤΟΚΡΑΤΟΡΟΣ”. [Imagem: Parthia.com]



Phraates IV (c. 38 - 2 B.C.), Tetradracma de prata, Selêucia, 37 a.C.

Obverso: busto com barba curta virado para esquerda, vestindo diadema e torque com ponta de grifo; uma verruga visível na testa; borda circular de contas.

Reverso: homem vestindo diadema sentado em trono, um arco em sua mão direita; à sua direita, Tyche (?) está em pé voltada para a esquerda apresentando com uma coroa em sua mão direita, e segurando uma cornucópia na esquerda; inscrição grega de sete linhas “ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΒΑΣΙΛΕΩΝ / ΑΡΣΑΚ[ΟΥ] ΕΥΕΡΓΕ[ΤΟΥ] / ΔΙΚΑΙΟΥ / ΕΠΙΦΑΝΟΥΣ ΦΙΛΕΛΛΗΝΟΣ”; abaixo do trono, letras gregas “ΕΟΣ”; no exergo, letras gregas ΓΟΡ[ΙΙΙ]; sem borda. [Imagem: Parthia.com]



Fraataces e Musa (2 a.C.-4 d.C.), Tetradracma de prata, Selúcia, 1 d.C.

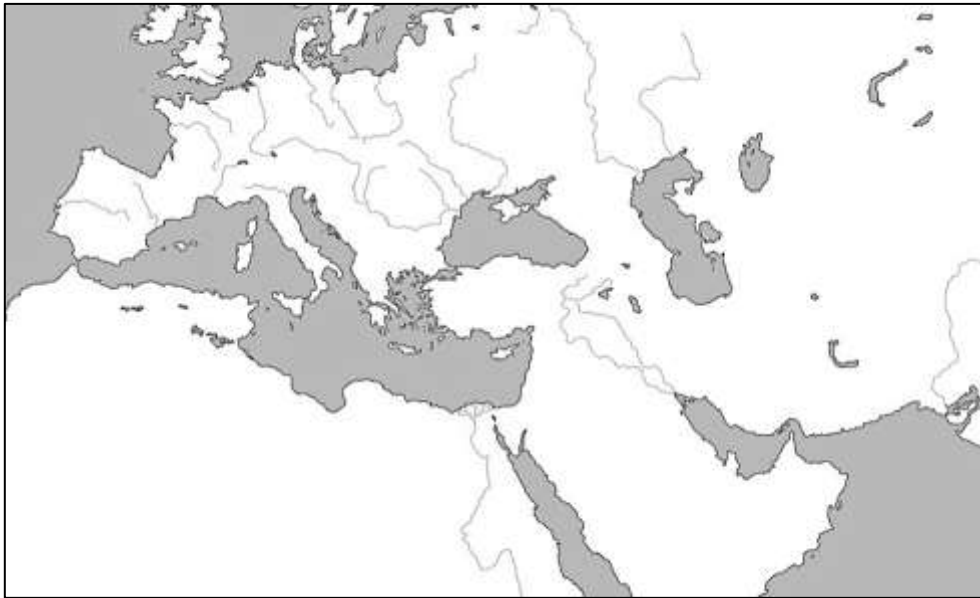
Obverso: busto com barba pontuda voltado para a esquerda, vestindo diadema e torque com três espirais sem ponta visível; orelha visível; cabelo sobre o diadema em cachos; verruga visível na testa; a frente, Nike voando para a direita com uma diadema; inscrição circular ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΒΑΣΙΛΕΩΝ; no diadema pendente, letras gregas BIT; borda circular de contas.

Reverso: busto de Musa, voltado para a direita, vestindo diadema e colar de contas; no diadema pendente, letras gregas ΞΑΝ; à frente, Nike voando para a esquerda com diadema; inscrição grega de duas linhas “ΘΕΑΣ ΟΥΡΑΝΙΑΣ ΜΟΥΣΗΣ ΒΑΣΙΛ[ΙΣΣΕΣ]”.
[Imagem: Parthia.com]

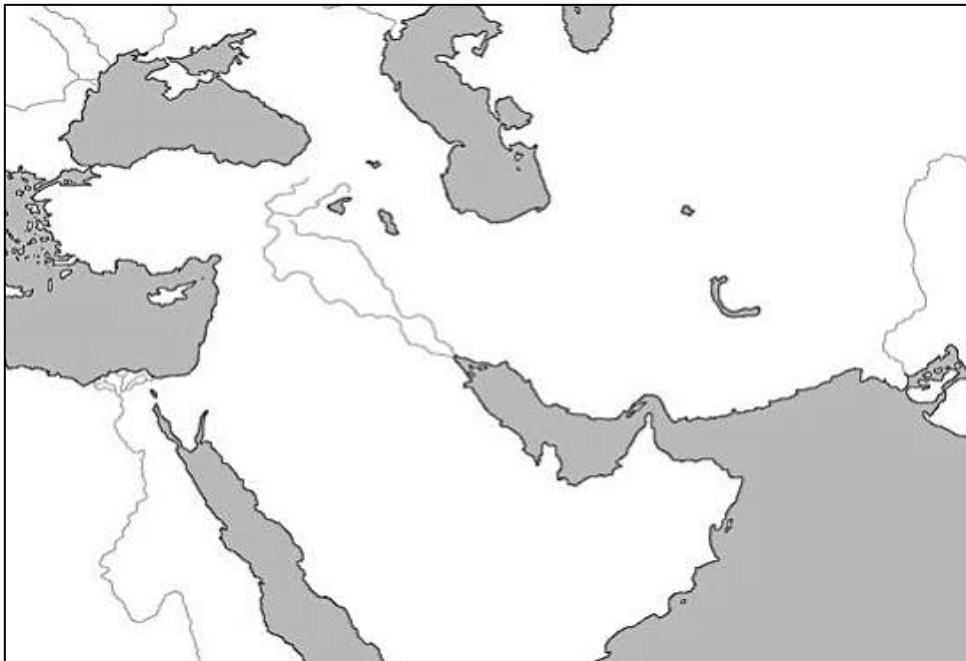
[Seminário 13] Camafeu e relevo de Shapur I em Naqsh-e-Rustam, séc. III d.C.



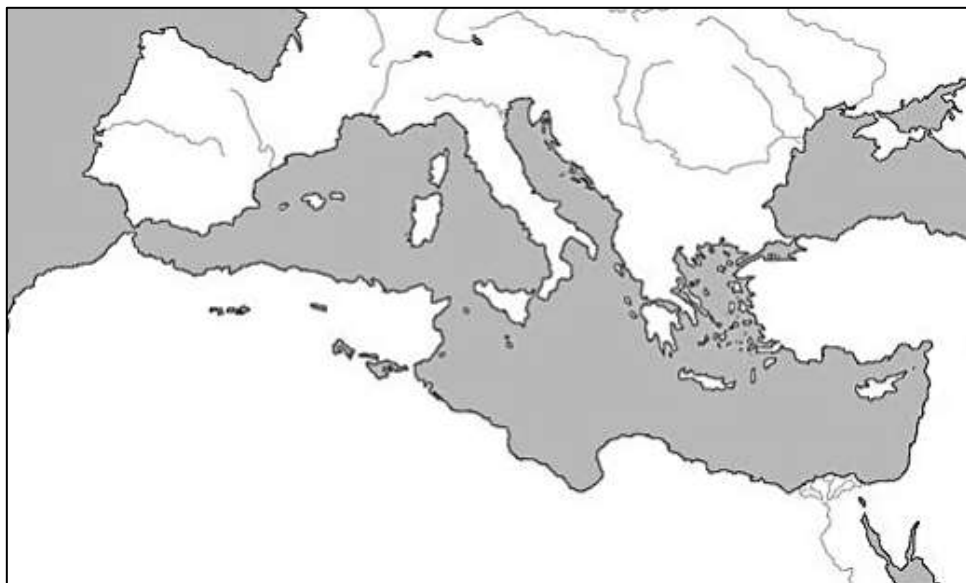
Aula 1



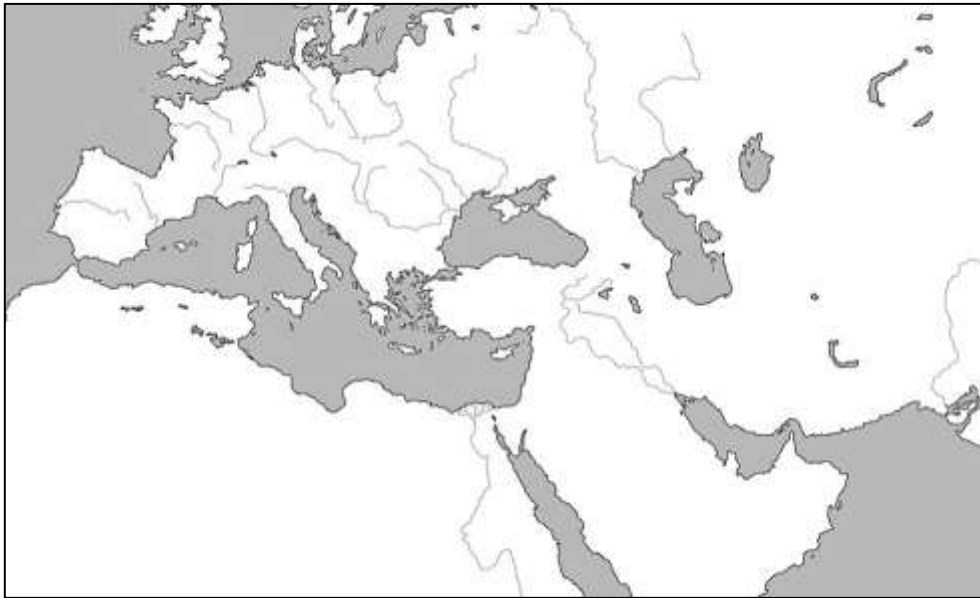
Aula 4



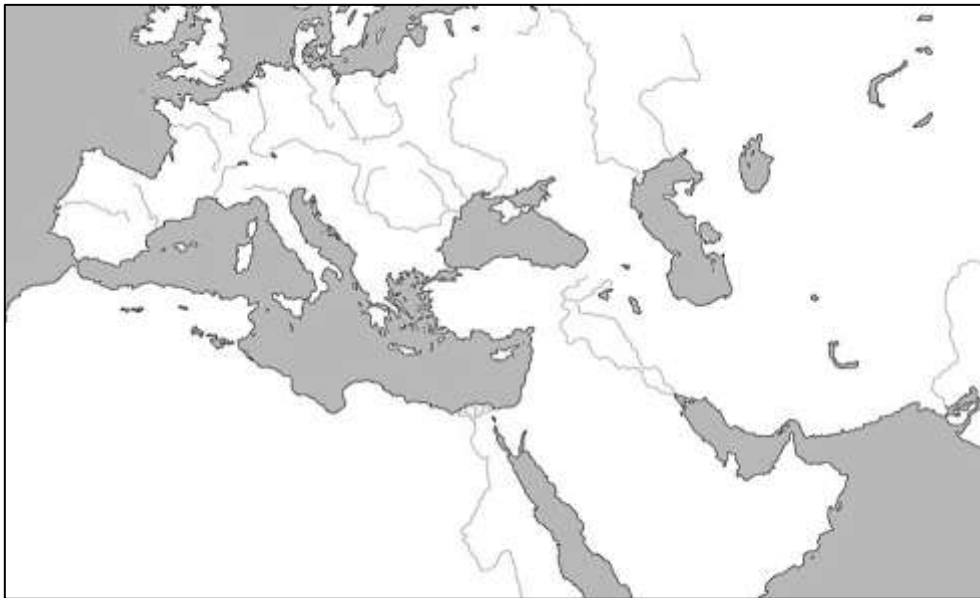
Aula 5



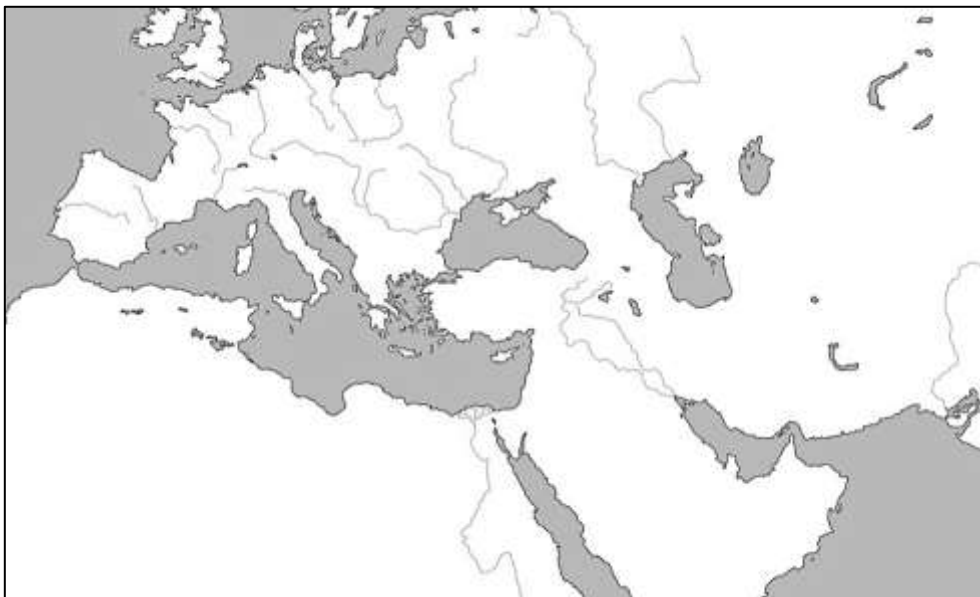
Aula 6



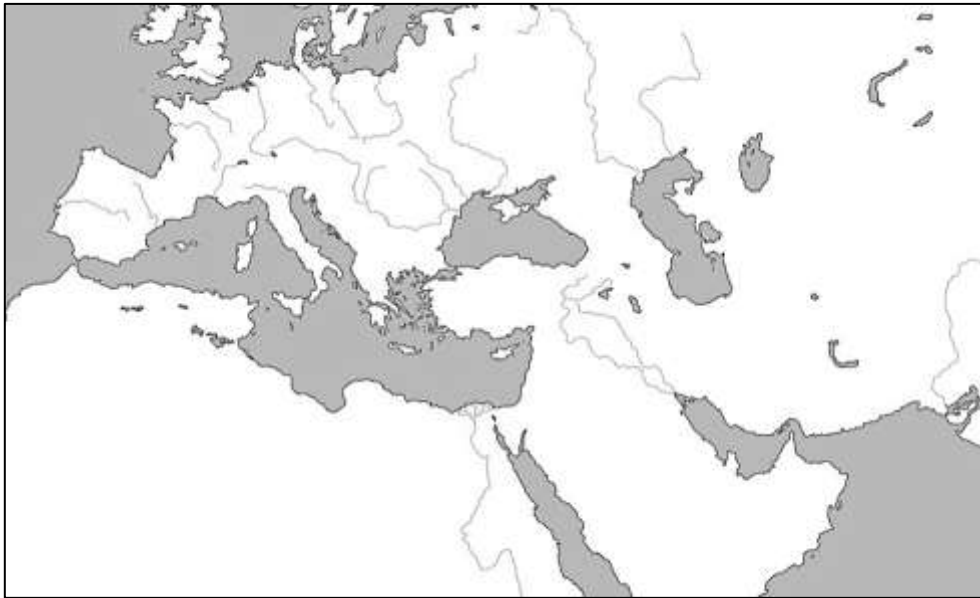
Aula 9



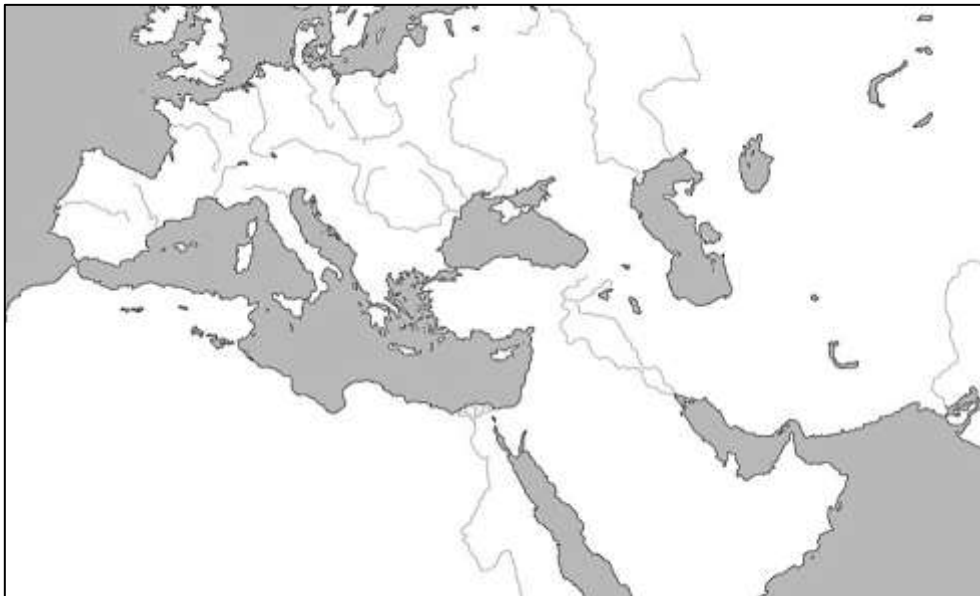
Aula 10



Aula 11



Aula 12



Aula 13

